

Funaro pede dólares ao Japão

Tóquio— O ministro da Fazenda do Brasil, Dilsonson Funaro, defendeu ontem a decisão de seu país de suspender o pagamento dos juros de uma parte de sua dívida externa e pediu a cooperação da liderança política e financeira do Japão.

“A crise da dívida não é apenas problema do Brasil”, disse Funaro em entrevista na embaixada de seu país nesta capital, após reunir-se com o ministro das Finanças do Japão, Kiichi Miyazawa, com o presidente do Banco Industrial do Japão, Kaneo Nakamura, e com outras autoridades japonesas. “A crise da dívida”, acrescentou, “é um problema internacional”.

Funaro ressaltou que novos financiamentos eram essenciais para ajudar a sustentar o crescimento econômico em seu país, que luta para pagar uma dívida externa de 108 bilhões de dólares.

Ele disse ainda que juros mais favoráveis e prazos mais longos para pagamentos dos empréstimos ajudariam a aliviar o peso das nações do terceiro mundo, altamente endividadas.

Funaro chegou a Tóquio no domingo, para uma visita de três dias, procedente dos Estados Unidos e de países da Europa Ocidental onde explicou as razões que levaram o Governo brasileiro a anunciar no dia 20 de fevereiro a decisão de suspender os pagamentos dos juros de cerca de 68 bilhões de sua dívida externa.

Sua visita a Tóquio ocorre num momento em que bancos credores japoneses expressam

preocupação com a recente decisão brasileira, que temem possa desencadear reações semelhantes de outras nações altamente endividadas.

Funaro ressaltou, porém, que “o problema da dívida não significa necessariamente uma crise da dívida”, assim, acrescentou, as atuais dificuldades devem ser encaradas como dificuldades que podem ser resolvidas.

O ministro disse ter apreciado a atitude cooperativa que Miyazawa e outros líderes japoneses demonstraram ao longo de sua exposição. Ele se recusou a comentar detalhes das discussões. Mas disse que sua missão em Tóquio tinha por objetivo promover o apoio para o problema da dívida de seu país entre os líderes japoneses.

Funaro apontou a aceleração das taxas de juro no início dos

anos 70 e a redução nos créditos novos como fatores fundamentais que levaram seu país à decisão de 20 de fevereiro.

Nos últimos cinco anos, disse, o Brasil sozinho gastou 45 bilhões de dólares em pagamentos de juros e só recebeu 11 bilhões em créditos novos. Lembrando que seu país figura entre as nações do terceiro mundo de maior superávit comercial, a despeito da “profunda recessão” causada por fatores econômicos externos, Funaro fez um apelo para novos financiamentos como o único meio de continuar tais esforços.

Funaro, que está acompanhado do presidente do Banco Central, Francisco Gros, vai encontrar-se amanhã com o ministro do Comércio Internacional e com o presidente do Banco de Tóquio.